

“Dilúvio de Al-Aqsa” – Operação Inghimasi do Hamas?

Hermínio Matos

Na madrugada de 7 de Outubro de 2023, o Hamas – Movimento de Resistência Islâmico¹ palestino –, através de centenas de comandos organizados do seu braço armado, as Brigadas Izz ad-Din al-Qassam, lançou a Operação Al-Aqsa Flood – “Dilúvio” de Al-Aqsa². Este ataque-surpresa³ do Hamas em território de Israel, foi desencadeado por uma sucessão de lançamentos massivos de rockets contra o interior de Israel, chegando alguns a atingir Tel Aviv. Em simultâneo, comandos armados do Hamas, organizados em pequenos grupos de assalto, penetravam – por via marítima, aérea e terrestre – em diversas localidades israelitas contíguas à Faixa de Gaza.

“(...) o Hamas tem vindo a demonstrar grandes capacidades de inovação e aprendizagem(...)”

Quer o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, quer o secretário-de-estado norte-americano, Antony Blinken, compararam o Hamas ao Daesh, tendo em conta as atrocidades cometidas no massacre de cidadãos israelitas dentro do seu território: execuções sumárias, fuzilamentos, decapitações, imolações, incêndios e esfaqueamentos aleatórios, de militares e da população civil, incluindo homens, mulheres e crianças. A decapitação e fuzilamento de bebés e crianças, a sangue-frio, causou especial comoção

e repulsa da comunidade internacional, assim como a captura e detenção de mais de uma centena de reféns em Gaza. A analogia com o Daesh pode ser estabelecida também, aos níveis operacional e tático, tendo em conta o modus operandi do ataque agora perpetrado contra Israel.

Tal como escreveu Jefferis, “a estrutura organizacional do Hamas é uma mistura única de flexibilidade e burocracia”⁴. Não obstante o papel de relevo que alguns dos seus membros fundadores e dirigentes tiveram no percurso e estruturação da organização – Ahmed Yassin, Khalid Mishal, Abdel Aziz al-Rantisi ou Ismail Haniyeh, entre outros –, importa a análise da sua ala militar, as denominadas Brigadas Iz ad-Din al-Qassam⁵, lideradas, desde 2002⁶, por Mohammed Ibrahim al-Masri, alias Mohammed Deif, o “homem-sombra” que resistiu a sucessivas tentativas das forças e serviços de segurança de Israel para o eliminar. Ahmed Jabari (1960-2012), o segundo no comando de Deif, acabou por substituí-lo, como comandante em exercício, após este ter sido gravemente ferido no final de 2002, mantendo um papel importante, então e depois, na liderança das Brigadas al-Qassam, até à sua morte, em 14 de Novembro de 2012⁷.

O Hamas, à semelhança de outras organizações terroristas de matriz islamista, demonstrou já elevada competência nas áreas de informações e contra-informações, demonstrando elevados níveis de segurança e eficácia

operacional. Algumas organizações terroristas operam, de facto, como autênticos serviços de segurança e de informações, chegando, nalguns casos, a exceder expectativas em termos de inovação técnica e tática do seu modus operandi.

Informações e Espionagem Palestinianas

Farouk Qaddumi formou, em 1959, a primeira estrutura de informações palestina – a Ras-al-Amman – dentro da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Em 1967, Yasser Arafat substituiu Qaddumi por Salah Khalaf e ordenou a criação de um novo órgão de segurança, o Jihaz al-Razd, destinado a combater infiltrações dos serviços de informações israelitas, e para vigilância interna dos seus membros, suspeitos de dissensão ou traição⁸. Segundo Mishal & Sela, Ahmed Yassin procedeu então à criação, em 1986, da primeira unidade de segurança e contra-informações do Hamas⁹:

The security apparatus that would collect information about collaborators with Israeli intelligence. Once established, the security unit also became involved in the “internal jihad” which had the aim of imposing Islamic rules on the society and punishing drug dealers, prostitutes, and purveyors of pornographic videos. (...) The new apparatus was entitled the Organization of Jihad and Da’wa (Munazzamat al-jihad wal-da’wa), abbreviated Majd

(literally, glory). In 1987, Majd was headed by Salah Shihadah¹⁰.

O Hamas tem investido vastos recursos em guerra psicológica (PSYOPS), de propaganda e desinformação, visando alvos diferenciados através de canais de comunicação operados em diferentes plataformas digitais¹¹; tem desenvolvido de modo eficaz, também, operações com recurso a agentes duplos. Esta técnica, do domínio da contra-informação, é extremamente útil no confronto assimétrico com actores estatais. Cria o efeito de “assimetria duplicada”¹², replicando as fontes do oponente em seu favor – transformando a ameaça numa oportunidade ou vantagem. É um mecanismo eficiente, de baixo custo, e que confunde as forças de defesa e os serviços de informações israelitas.

“Quer o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, quer o secretário-de-estado norte-americano, Antony Blinken, compararam o Hamas ao Daesh(...)”

Quando descoberto o seu papel de agentes duplos, não é possível já ao actor estatal aferir da extensão e profundidade dos danos causados, tanto em matéria de informações, como de operações planeadas ou em curso, o que compromete a segurança dos seus agentes e o sucesso das operações. Destarte, podemos concluir que o Hamas tem vindo a demonstrar grandes capacidades de inovação e aprendi-

zagem – operacional e tática –, mimetizando táticas, técnicas e procedimentos (TTP) de agências estatais israelitas, aprendendo com estas, e tornando assim mais difícil a identificação, localização e monitorização, quer dos seus membros e estrutura, quer do seu processo de tomada de decisão¹³.

Operações de Martírio vs. Operações Inghimas

Ibn Taymiyyah (1263-1328), o teólogo islâmico da Escola Hanbalita cujo pensamento influenciaria, no séc. XVIII, a corrente wahhabista¹⁵ do Islão, terá sido pioneiro¹⁶ na defesa do uso, em situações específicas, de inghimasi contra os inimigos da fé islâmica.

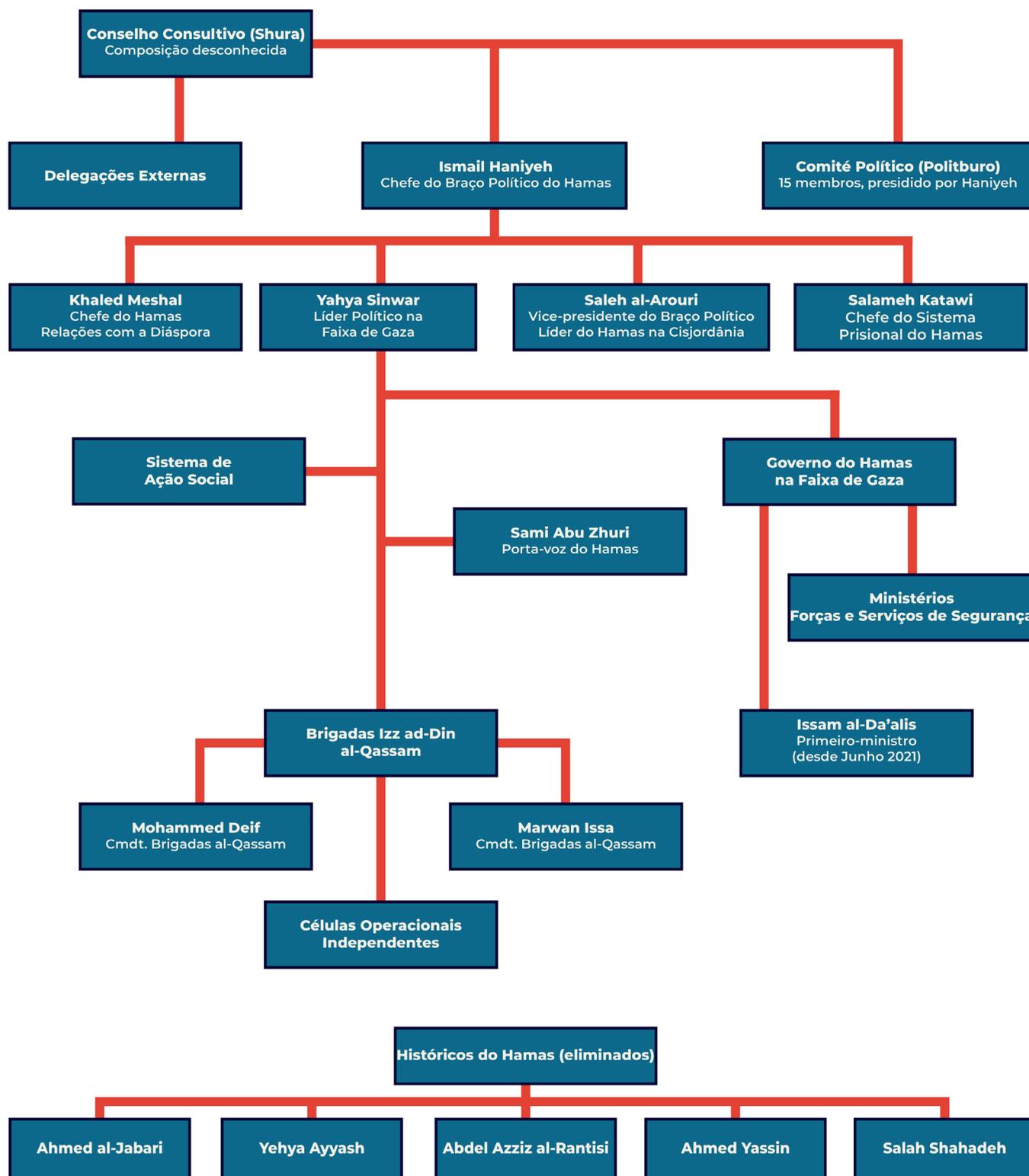
O uso de inghimasiyyin¹⁷ – combatentes fortemente armados e organizados em pequenas unidades de assalto ('marauding operations') que penetram e envolvem as linhas inimigas, com grande velocidade de manobra e extraordinárias capacidades de combate corpo-a-corpo, constitui, historicamente, uma arma psicológica atractiva e altamente devastadora contra a moral dos inimigos do Islão. Um vídeo oficial do Daesh, de 2015, resumia assim o valor destes combatentes e o impacto resultante das suas operações: *“inghimas operations are considered to be a lethal weapon by which to make the enemy shudder. As such, just one inghimas fighter can make an entire army collapse*¹⁸.”

Grupos terroristas como o Lashkar-e-Tayyiba (Bombaim, Índia, 2008), ou o Daesh (Paris, 2015), perpetraram ataques terroristas recorrendo a este

modus operandi: através da infiltração de pequenas unidades de assalto, bem equipadas, com poder de fogo e recurso alternativo ao uso de explosivos, protelaram no tempo a matança do maior número de vítimas, antes que pudessem ser eliminados pelas forças e serviços de segurança dos respectivos países, ou que a sua morte resultasse do confronto com estas, ampliando assim o seu efeito mediático. Nesta forma de ataque por “enxameamento”, ou “swarming”¹⁹, o efeito de surpresa resulta da projecção de pequenas unidades móveis, dispersas mas coordenadas, que convergem para um ou mais alvos, e que rapidamente se reagrupam para visar múltiplos e sequenciais alvos. O ataque do Hamas parece ter por base este modus operandi.

Como bem lembrou Handel²⁰, “no caso de oponentes desiguais, o engano e a surpresa podem ajudar o lado mais fraco a compensar desequilíbrios numéricos ou outros. Por essa razão, o lado que está em desvantagem geralmente tem um maior incentivo para recorrer a estratégias e táticas de engano”. Os combatentes do Hamas – provavelmente já com elementos dissidentes do Daesh nas suas fileiras – levaram a cabo uma operação inghimasi contra o Estado de Israel. Ao fazê-lo, não só souberam surpreender e enganar eficazmente as linhas de defesa de Israel, como também paralisar a sua capacidade de resposta imediata.

Figura 1 – Estrutura Política e Militar do Hamas



Fonte: Matos (2023), Cf. Robinson (2023); European Council on Foreign Relations (2023); Counter Extremism Project (2023) & Lia (2006)¹⁴



Referências

1. Acrônimo de Harakat al-Muqawama al-Islamiyya.
2. Para Kluckhohn (1959) e Peschel (1971), "os mitos do dilúvio são variações do tema da catástrofe na mitologia": assim, "(1) o dilúvio é frequentemente tratado como uma forma de punição; e (2) os mitos do dilúvio e da criação estão frequentemente ligados", uma vez que a destruição provocada pelos primeiros, conduzem, inexoravelmente, a um ciclo de redenção e ascense, constituindo-se, em última análise, como instrumentos de um caos regenerador (Matos, 2010, p. 202).
3. A surpresa, segundo Handel (1982, p. 149), é "relativa e raramente completa ou total. Na maioria dos casos de ataque súbito, o lado surpreendido normalmente tinha informações e sinais de alerta suficientes para indicar a possibilidade de um próximo ataque – momento, local, direção".
4. Jefferis, J. (2016). *Hamas Terrorism, Governance, and its Future in Middle East Politics*. Santa Barbara: Praeger, p. 47.
5. Sheikh Izz al-Din al-Qassam (1882-1935). Al-Qassam foi morto, em 20 de Novembro de 1935, após confronto com uma força de Polícia do Mandato Britânico, em Ya'bad, localidade situada no distrito de Jenin. Jefferis refere que "em 1991, a facção combatente do Sheikh Yassin foi integrada nas recém-formadas Brigadas Izz ad-Din al-Qassam, então lideradas por Salah Shehadeh".
6. Após a eliminação de Salah Shehadeh (1953-2002), em 22 de Julho de 2002, pelas forças militares israelitas; o seu mentor foi Yahya Abd-al-Latif Ayyash (1966-1996), a.k.a. "o engenheiro", um membro importante da ala militar do Hamas, com elevadas competências em matéria de armamento e explosivos.
7. Counter Extremism Project (2023). *Hamas Report*. <https://www.counterextremism.com/threat/hamas/report> (acesso em 10-10-2023); Jefferis, J. (2016); Filiu, J.-P. (2012). The origins of Hamas: Militant Legacy or Israeli Tool? *Journal of Palestine Studies*, 41 (3): 54-70. <https://doi.org/10.1525/jps.2012.XLI.3.54>; Lia, B. (2006). *A Police Force without a State. A History of the Palestinian Security Forces in the West Bank and Gaza*. London: Ithaca Press; Nafi, B. (1997). Shaykh 'Izz al-Din Al-Quassam: a reformist and a rebel leader, *Journal of Islamic Studies*, 8 (2): 185-215. <https://doi.org/10.1093/jis/8.2.185>
8. Bennett, G. (2006). The Battle for the Palestinian Security Services. *Conflict Studies Research Centre, Middle East Series 06/51*, October 2006. <https://css.ethz.ch/en/services/digital-library/publications/publication.html/28893>, pp. 1-2.
9. Mishal, S., and Sela, A. (2000). *The Palestinian Hamas - Vision, Violence, and Coexistence*. New York: Columbia University Press, p. 34.
10. a.k.a. Salah Shehadeh; vide Fig. 1.
11. Rubinstein-Shemer, N., Flamer, N. (2023). Projective Psychological Warfare (PPW): an analysis of Hamas Hebrew video clips as part of its propaganda campaign against Israel (2007-2014), *Middle Eastern Studies*. <https://doi.org/10.1080/00263206.2023.2186859>; Flamer, N. (2022). Hezbollah and Hamas's main platforms for recruiting and handling of human sources after 2006, *Middle Eastern Studies*. <https://doi.org/10.1080/00263206.2022.2126835>
12. Flamer, N. (2023). "An Asymmetric Doubling": A Nonstate Actor Using the Method of Doubling Sources – Hamas against Israeli Intelligence. *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, 36 (1): 63-77. <https://doi.org/10.1080/08850607.2022.2104054>
13. Matos, H. (2021). Intelligence & Counterterrorism: What Police organizations Can (and should) Learn with Terrorist Organizations? In *Challenges of Police Academies for Near Future* (pp. 127-145), Edited Book of the 9th INTERPA International Conference, Antalya, Turkey: Polis Akademisi Yayinlari; Matos, H. (2022). Inteligência e Contra-inteligência no Contraterrorismo: Utopia, Distopia, Retrotopia. *Revista brasileira de Ciências Policiais*, 13 (8): 251-286. DOI: <https://doi.org/10.31412/rbcp.v13i8.937>; Matos, H. (2023). *Agências Estatais versus Organizações Terroristas. Analogia, reciprocidade e interdependência ao nível estratégico, operacional e tático – uma aprendizagem mútua?* (capítulo de livro, no prelo); Flamer, N. (2022).
14. Matos, H. (2023). *Agências Estatais versus Organizações Terroristas. Analogia, reciprocidade e interdependência ao nível estratégico, operacional e tático – uma aprendizagem mútua?* (capítulo de livro, no prelo); European Council on Foreign Relations (2023). *Mapping Palestinian Politics*. https://ecfr.eu/special/mapping_palestinian_politics/introduction/ (acesso em 9-10-2023); Counter Extremism Project (2023). *Hamas Report*. <https://www.counterextremism.com/threat/hamas/report> (acesso em 10-10-2023); Robinson, K. (2023). What is Hamas? Council on Foreign Relations (October, 9th). <https://www.cfr.org/backgrounder/what-hamas> (acesso em 10-10-2023); Lia, B. (2006). *A Police Force without a State. A History of the Palestinian Security Forces in the West Bank and Gaza*. London: Ithaca Press.
15. Fundada por Muḥammad ibn Abd al-Wahhāb (1703-1792).
16. Embora anteriormente a questão já tivesse sido abordada de modo superficial. Por exemplo, para Hanafi Muhammad ibn al-Hasan al-Shaybani (séc. VIII-IX), "O parâmetro principal era que os atributos do martírio deveriam ser considerados especificamente no contexto da guerra santa. (...) Um guerreiro sagrado tinha permissão para atacar uma grande força inimiga? De acordo com al-Shaybani, tem permissão para atacar até mesmo mil homens das forças inimigas se houver uma chance razoável de que ele permaneça vivo ou cause danos ao inimigo antes de ser morto." (Hatina, 2014, p. 47)
17. Rumiyaḥ (2017). It Will be a Fire that Burns. The Cross and its People in the Raqqah. *Al-Hayat Media Center, Issue 12*. <https://gwern.net/doc/crime/terrorism/rumiyah/2017-rumiyah-12.pdf> (acesso em 12-10-2023).
18. Winter, C. (2017). Suicide Tactics and the Islamic State. <https://www.icct.nl/publication/suicide-tactics-and-islamic-state> (acesso em 08-10-2023); Bloom, M., Horgan, J., and Winter, C. (2016). Depictions of Children and Youth in the Islamic State's Martyrdom Propaganda, 2015-2016. *CTC SENTINEL*, 9 (2): 29-32. <https://ctc.westpoint.edu/wp-content/uploads/2016/02/CTC-SENTINEL-Vol9Iss210.pdf>; Matusitz, J. (2017). The Communication of Suicide Terrorism. In Kumar, U. (ed.). *Handbook of Suicidal Behaviour* (pp. 159-180). Singapore: Springer; Barfi, B. (2016). The Military Doctrine of the Islamic State and the Limits of Ba'athist Influence. *CTC SENTINEL*, 9 (2): 18-23. <https://ctc.westpoint.edu/wp-content/uploads/2016/02/CTC-SENTINEL-Vol9Iss210.pdf>.
19. Arquilla, J., and Ronfeldt, D. (2001). *Networks & Netwars*. Santa Monica: Rand Corporation.
20. Handel, M. I. (1982) Intelligence and deception, *Journal of Strategic Studies*, 5 (1): 122-154. <http://dx.doi.org/10.1080/01402398208437104>, pp. 121-124.

Outras Referências e Notas

- Hatina, M. (2014). *Martyrdom in Modern Islam. Piety, Power, and Politics*. New York: Cambridge University Press.
- Kluckhohn, C. (1959). Recurrent Themes in Myths and Mythmaking, *Daedalus*, 88 (2): 268-279. <http://www.jstor.org/stable/20026495>
- Matos, H. (2010). O Sistema de Segurança Interna: O Caso Português, In Moreira, A., Ramalho, J. (coord.), *Estratégia* (pp. 173-246), vol. XIX. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica.
- Peschel, E. (1971) Structural Parallels in Two Flood Myths: Noah and the Maori, *Folklore*, 82 (2): 116-123. <http://dx.doi.org/10.1080/0015587X.1971.9716717>